

Educação Ambiental & Desenvolvimento Sustentável

Coletânea de artigos

Fabio Ortiz Jr

a Vilvanita Dourado de Faria Cardoso, pelo norte,

a Marcel Bouquet, pela luz,

a Carmem Lucia Soares, pelo caminho.

Mestres e, sobretudo, educadores.

À guisa de apresentação (pós-escrito, Dez 2006)

Esta coleção de artigos foi primeiramente pensada como uma contribuição mensal ao jornal Correio da Serra, recém-criado quando conheci o município de Santo Antonio do Pinhal, no começo de 2000.

Bastaram-me duas ou três visitas à cidade e algumas conversas afortunadas para perceber a necessidade e a importância da valorosa iniciativa de Claudemir Oliveira, o Viola, dono da Viola Pães & Doces, e de Ana Paula Costa, jornalista e dona da Casazul Modas, que juntaram forças na criação de um informativo independente e sério, voltado para o amplo interesse da comunidade local. Tanto quanto me lembro, meses depois, em visita à redação, ofereci-me para colaborar graciosamente com o jornal, criando uma coluna que procurasse esclarecer a população quanto aos riscos de vermos perdida talvez a derradeira oportunidade para a criação de um futuro minimamente saudável para Santo Antonio. A Ana, generosamente, aceitou de imediato e aguardou.

Os temas, eu suponha, deveriam ser tratados e desenvolvidos de forma a aliar seriedade e leveza, conteúdo denso e facilidade de compreensão. Não sei se consegui e há aqui algumas explicações que julgo necessárias.

Primeiro, eu ainda morava e trabalhava em São Paulo. Segundo, ainda não tinha a visão suficientemente clara do que pretendia realizar com a aquisição do sítio feita em Abril daquele ano (foi muito interessante observar a evolução das idéias nos meses subseqüentes). Terceiro, os anos seguintes foram tão pródigos em atribuições e dificuldades de toda ordem que só por milagre (aliás, uma sucessão deles) o sonho não se inviabilizou. De sorte que foi somente em Agosto de 2005 que encontrei tempo e tranqüilidade para escrever.

Como poderá ser percebido no decorrer da leitura, nos primeiros quatro artigos ensaiei, tateei numa possível aproximação cautelosa entre um público indefinido (agora regional) e o conhecimento que desenvolvi em mais de cinco décadas de ricas e dramáticas experiências. Mas eles serviram bastante bem para diluir minhas dúvidas sobre o que escrever e para quem. A partir do quinto artigo minha escolha estava feita: formadores de opinião, agentes de transformação.

Devo confessar que minha oferta de colaboração não era tão desinteressada quanto poderia parecer lá nos primeiros parágrafos acima. Depois de viver 50 anos em São Paulo, viajar muito pelo Brasil e um tanto pelo mundo, ser geólogo depois de editor e livreiro, mais tarde analista de sistemas e consultor de corporações, mas sempre sobretudo professor, agora retomando as raízes das geociências pela visão ambientalista para resultar enfim em um educador ambiental, decidi viver os próximos 50 em Santo Antonio e sua bela região, por certo acaso felizmente esquecida pelo "crescimento econômico" nos últimos 30 anos. Interessa-me que as pessoas compreendam que não é possível ocupar desordenadamente os espaços vitais, não é possível apropriar-se predatoriamente dos recursos que a natureza ainda oferece, não é possível eliminar outros seres e outras espécies como se fossem lixo, não é possível pensar que tudo é como sempre foi ou que será sempre como é, não é possível consumir a vida do planeta Terra e esperar que tudo continue a parecer que sempre estará bem e imutável, não é possível prosseguir neste modelo insano e irresponsável de "desenvolvimento" e "progresso" sem aniquilar qualquer expectativa de futuro para as próximas (e talvez poucas) gerações que nos sucederão. Penso mesmo que no ritmo em que a carruagem desanda, provavelmente nós mesmos pagaremos o preço. É terrível e é real.

Ah, sim, o sítio: nele eu e algumas pessoas de muito boa vontade estamos criando um centro de educação e pesquisas ambientais. Traremos crianças, estudantes, turistas; afinal, mantemos e nutrimos a esperança de futuro, mas com os pés no presente.

Espaço e Ambiente (1)

Artigo 8, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Jul 2006

Capítulo Dois: falemos de Espaço e Ambiente.

O astrônomo Edwin Hubble, que viveu de 1889 a 1953, criou uma das melhores frases que conheço. Entre outras coisas, descobriu que o Universo está em expansão, o que serviu de base para a Teoria do Big-Bang (numa justíssima homenagem, o melhor telescópio espacial em órbita tem o seu nome). Disse ele:

"Munido de seus cinco sentidos, o Homem explora o Universo ao seu redor e chama a esta aventura Ciência".

Freqüentemente, são as perguntas inteligentes e corajosas que abrem os caminhos para as respostas corajosas e inteligentes. Tive a felicidade de nascer em uma geração, logo após a II Guerra Mundial, que se permitia indagar-se sobre temas hoje pouco cogitados: "quem somos, de onde viemos, para onde estamos indo?" Saíamos de um pesadelo, o mundo humano estava sendo reconstruído, perguntas como estas faziam todo o sentido.

Hoje, infelizmente, nutre-se ainda a idéia de que Ciência é para os cientistas, coisa para "doutores", a isto associando a idéia de laboratórios, aventais brancos, gente esquisita. Bastaria alguma reflexão sobre a famosa foto de Einstein de malha larga, cabelos compridos e língua de fora para que esta falsa idéia desaparecesse. Einstein usava lápis e papel, seus conhecimentos e sua imaginação. E seus cinco sentidos, além de seu bom-humor e irreverência.

Pare. Dê-se um tempo. Respire, relaxe. Relaxe mais ainda e observe ao redor. O que você vê? O que você percebe?

Antes de mais nada, espaço, não importa onde você esteja. Espaço ao seu redor, espaço próximo, um pouco mais longe e um espaço distante, intangível.

Agora feche os olhos. O que você percebe?

Antes de mais nada, dá-se conta de você mesmo, a sua existência. Depois, talvez de alguns sons, algum aroma, inicialmente tudo condensado numa percepção chapada daquilo que não é você.

Com isto, você está refazendo uma trajetória que todos fazemos a partir do nascer: um recém-nascido começa por ter a percepção do Eu. Só que então *simplesmente tudo que existe* é o Eu, nada há além, é o estado mental que podemos chamar de *Eu-indiviso*.

Somos aí completamente dependentes, alimento, abrigo e asseio, tudo surge, apenas de uma forma um tanto diferente dos cerca de 9 meses anteriores.

Lentamente as experiências vividas nos levam então a perceber a existência de algo mais, algo que não é Eu. É quando passamos a admitir (somos levados a isto) a existência do *Não-Eu*. O mundo passa a existir, agora partido em dois: Eu e Não-Eu. Pode ser o primeiro choque, o parto.

Passamos desde então, os recém-nascidos de qualquer idade, a descobrir nossos sensores, nossos sentidos, e a exercitá-los. Nós, os afortunados, temos cinco deles conhecidos. As experiências em nosso desenvolvimento a seguir vão nos conduzindo às portas de uma nova e surpreendente percepção: aquele Não-Eu tem muitos aspectos, é na verdade composto de *vários não-eus*.

Penso que este é um momento-chave, seja para nós individualmente, seja coletivamente ou mesmo como espécie. Há um passo à frente decisivo para a maneira como conduziremos nossas vidas: é quando podemos desenvolver em nós a percepção do *Outro*. Não simplesmente algo difuso e desprovido de alma, de *anima*, como um nebuloso Não-Eu, mas sim o Outro. Ele tem

existência, necessidades, desejos, alma em tudo semelhante a nós mesmos, ao Eu. Não iguais, mas semelhantes.

Diante deste portal muitos tremem, alguns se amedrontam. Penso que na verdade são poucos os que ousam dar o passo adiante e atravessá-lo. Tenho observado cotidianamente há décadas multidões que vacilam nesta escolha, falta-lhes coragem, não importa a posição social ou o grau de estudo. Estão presas, temem o Outro, apegadas em demasia ao Eu ("*ego*", em Latim).

Este passo é a noção de Alteridade ("*alter*", em Latim, é "outro", outrem, diferente). Os que buscam sua coragem e dão o passo adiante, libertando-se, encontrarão a felicidade de melhor compreender os outros seres (e a si mesmos) e terem talvez bons relacionamentos. Nessa direção, encontrarão os *Outros*.

Podemos ver no dia-a-dia o resultado desta falta de coragem, deste Ego-ismo: invasão do espaço alheio, acumulação

doentia, consumismo, miséria, apropriação do público pelo privado, degradação ambiental acelerada, insustentabilidade.

Para o indivíduo, para a sociedade, para a espécie e para o conjunto da Vida na Terra, a proposta está equivocada e tem lentamente (já agora com rapidez) gestado a crise que nos colherá a todos. Temos nossos sentidos, nossa inteligência, nossos conhecimentos, temos enfim os instrumentos para refletir e agir e temos, sobretudo, a imperiosa necessidade e urgência de encontrar uma nova proposta, um novo e saudável arranjo, uma nova forma de viver neste espaço que ocupamos.

Como sugere Hubble, fazer Ciência é antes buscar ver a realidade e compreendê-la, para o bem geral. Com paciência, dedicação, talento e mente aberta, está ao alcance de quase todos nós. A escolha é nossa.

Na próxima edição avançaremos neste capítulo.

Espaço e Ambiente (2)

Artigo 9, publicado no Correio da Serra, Santo Antonio do Pinhal, SP, edição de Ago 2006

Capítulo Dois: falemos ainda sobre Espaço e Ambiente.

Refizemos no artigo anterior parte da jornada de cada um e de todos nós desde o nascimento: o desenvolvimento de nossa percepção a respeito de nossa existência (Eu, "*ego*"), também daquilo que nos é estranho (não-Eu) e, para alguns, do Outro ("*alter*") e dos Outros.

Penso que nesta aventura não estamos sós, embora paradoxalmente o estejamos, sim, numa estranha contradição.

Explico melhor: estamos quase sempre fisicamente próximos de alguém; no espaço ao nosso redor encontramos várias pessoas em nosso dia-a-dia. Se ampliarmos nossa visão, nela incluiremos diversos seres de várias espécies.

No entanto, as experiências proporcionadas por nossa percepção são exclusivamente nossas, ninguém vê, ninguém sente, ninguém percebe por nós. Neste sentido, estamos inexoravelmente sós. Isto nos traz, depois de alguma idade e como consequência da individualidade, uma responsabilidade intransferível: ninguém decide por nós, somos os únicos responsáveis por nossas decisões, por nossas escolhas (queiramos, admitamos ou não).

Para nosso alívio (e sobrevivência), todos os seres vivos desenvolvemos alguma forma de interação e de comunicação com os demais. Assim, percorremos e ocupamos os espaços ao redor num arranjo interativo com outras pessoas e outros seres.

Podemos, nós humanos, em larga medida escolher a maneira como isto se dará. Os espaços e as interações podem ser favoráveis à ocupação, mas também podem ser hostis ou inadequados.

Um aspecto aparentemente nos difere das demais espécies conhecidas: em muitos casos, podemos alterar os espaços, adequando-os a nossas necessidades.

Em sua caminhada, a humanidade desenvolveu uma rara capacidade, a de interferir planetariamente no equilíbrio pacientemente estabelecido ao longo dos milhões de anos das eras geológicas (como veremos em outros artigos, a nossa não foi a única espécie a fazê-lo).

Muito antes dos problemas ambientais serem escancarados ao mundo, um geólogo russo, Wladimir Vernadsky, em 1926, pesquisando as mudanças planetárias provocadas pelos fenômenos geológicos e também pelas antigas formas de vida (esta a novidade de seu trabalho), ousou afirmar que a humanidade já poderia ser reconhecida como "uma força da Natureza", tal a modificação ambiental que ela já havia induzido.

É claro que pouca gente o entendeu na época ou entende até hoje. Oitenta anos (e muitos bilhões de toneladas de petróleo e carvão queimadas) depois...

Nos últimos milênios, ocupamos todos os cantos do planeta. Não existe mais nenhum continente, nem mesmo uma ilha a descobrir e ocupar, já nos espalhamos por toda a Terra. E estamos rapidamente agora levando-a ao esgotamento das condições de sustentação da vida como a conhecemos.

Todas as espécies, todos os seres, ocupam algum espaço, instalam-se nele em sua natural busca de recursos para suprir sua existência. Dele retiram aquilo de que julgam necessitar para sua sobrevivência e reprodução; e ali deixam aquilo de que não necessitam ou o resultado da satisfação de suas necessidades, o rejeito, suas excreções

(tenham a forma que tiverem). Isto é natural e é universal.

Como veremos nos próximos artigos, o que é necessário a uma espécie pode não o ser para outra. Mas há também inúmeros casos de colaboração e pode até mesmo acontecer que o que é excreção para uma ser fonte de recursos para outras (a Terra já foi uma vez modificada desta maneira).

A vida e seu desenvolvimento no planeta foram originalmente baseados na cooperação. Sem isto, a vida não teria prosperado, temos provas disto nos registros paleontológicos.

Para nós humanos, como vimos anteriormente, a *essência* da questão repousa sobre *ter ou não a noção de*

alteridade e, como consequência, do direito alheio.

Compreender a interdependência de todos nós, e a impermanência na natureza e no estado de coisas, pode ser a base para a criação de uma nova compreensão das necessidades de cada um e de todos, sejam os indivíduos, sejam as coletividades, seja a nossa ou as demais espécies.

A sustentação da vida no espaço deste pequeno planeta, que é a nossa casa, a casa de todos nós, está a depender urgentemente disto.

O conjunto dos artigos aqui publicados procura tratar da compreensão ampla destas questões e do que cada um e todos nós podemos escolher fazer.